

A FAMÍLIA URTIGÃO

Em meados do século XX a vivência das pessoas, sobretudo nas aldeias do interior de Portugal, estava polvilhada de contos e ditos fantasmagóricos, invariavelmente metendo histórias de bruxas, lobisomens e espíritos, quer fossem malignos ou de parentes falecidos que vinham apenas rogar o pagamento de uma promessa não cumprida. Na verdade, estes contos ensombravam particularmente o imaginário da miudagem, mas também não deixavam de apoquentar de forma bem vincada uma grande fatia da população graúda que levava muito a sério tudo quanto revelasse mistério e ocultismo.

O vasto pinhal do Tojal Mau encimava uma dessas aldeias do antanho, dizendo-se à boca cheia partirem de lá bruxas a rodos montadas em vassoiras voadoras para desassossegar e estarrecer os habitantes da aldeia, em particular nas noites de lua cheia.

Deste modo, ao aproximar-se a fase da lua cheia (se havia coisas que os aldeões sabiam de cor e salteado eram as fases da lua por causa das sementeiras) o pequenito Leonardo Urtigão ficava aterrorizado pois acreditava piamente na avó materna que garantia, sobre a bíblia se preciso fosse, ter visto várias vezes as bruxas a bailar nos céus... para os lados do Tojal Mau!

Sempre convicta das suas razões, a velha Ti Mouca, numa das reuniões regularmente promovidas em sua casa, afiançou com segurança:

– Olhem aqui minha gente, estes olhinhos que a terra há-de comer já viram muito bem essas bruxas a dançar no céu à espera de uma boa oportunidade para catar uma criancinha indefesa ou mesmo algum bêbado mais desprevenido e olhem que uma vez...

Bem, aquela do “bêbado desprevenido” era uma indirecta para o genro, realmente abusador da pinguita, mas como este nunca deixava passar em claro qualquer remoque da sogra respondeu logo à letra:

– Vossemecê é que me parece uma boa bruxa, minha “santa” sogra – contrapôs Eliseu Urtigão que não gostava da sogra nem pintada na parede – ademais, o melhor é calar-se com essas historietas de caca porque assusta a catraçada sem necessidade nenhuma – e num à parte para si mesmo – o raio da velha nunca mais morre, rais a parta!

Quando estas alterações aconteciam, e eram frequentes, diga-se em abono da verdade, Felismina Urtigão, a esposa de Eliseu, raramente se intrometia, um tanto porque também acreditava nas histórias fantásticas sobre bruxedos, outro tanto para não indispor o seu *home* com medo de comer por tabela. Eliseu não era de natureza violenta, nem tão pouco alinhava com a classe dos abundantes machões da época, o homem até era considerado um verdadeiro *paz d'alma*, todavia, quando chegava a casa com um *grãozito* na asa, era o cabo dos trabalhos. Genericamente, o ti Urtigão era mesmo bom homem, um tanto molengas e com alguma azia ao trabalho, é certo, mas o grande senão em seu desfavor era o grande desleixo que lhe era atribuído na educação dos filhos. Na verdade, quem se encarregava dessa tarefa era a mulher às mãos de quem os putos sofriam a bom sofrer, pois a ti Felismina arriava-lhes forte e feio ao mais pequeno deslize. De certo modo, era neste descabido comportamento que a pobre mulher se vingava dos maus tratos infligidos pelo

marido quando a fama de beerrão se legitimava. Nestas alturas voavam tachos e paineis em casa da Ti Mouca, a mãe de Felismina, e estas zaragatas só terminavam quando o álcool tomava conta dos sentidos do Urtigão que se deixava cair pesadamente no colchão de palha da cama onde adormecia de imediato, levando Felismina a desabafar com alívio: – Dorme p’raí, beerrão duma figa; pelo menos nesta noite já não corro o risco de arranjar mais um filho.

Quando estas disputas familiares se tornavam mais violentas, a filharada dispersava nas asas do vento e Leonardo, o mais novito da grande prole Urtigão, refugiava-se, invariavelmente, no aprisco das ovelhas onde, nos dias mais frios, obtinha algum “aconchego” agarrado à “Bonita” a sua ovelha preferida.

A família Urtigão vivia no limiar da pobreza total pois os proventos angariados na agricultura, através do trabalho *ao dia fora* de Eliseu, eram por demais diminutos, razão pela qual a matriarca da família se via em palpos de aranha para governar uma casa de doze pessoas, pois além do marido, Felismina tinha a seu cargo a mãe e uma ninhada de nove filhos! Não fora o granjeio de umas parcas belguitas, pertença da Ti Mouca, para lhe atenuar um pouco as dificuldades e a pobre infeliz teria de botar os filhos a pedir nas ruas para sobreviver!

Felismina Urtigão pariu o primeiro filho quando tinha apenas 19 anos e daí em diante nunca mais parou, cooperando de forma generosa para o aumento da demografia portuguesa pois, quando chegou aos 38 anos, a conta já se cifrava em 12, ainda que três tivessem contribuído para engrossar a taxa de mortalidade infantil da época. Segundo fontes do INE, no início dos anos sessenta do século passado, os óbitos infantis em Portugal atingiam uma cifra

nada agradável pois os estudos realizados “diziam” que em cada mil recém-nascidos 78 morriam antes de completarem um ano de idade! Bem, estatísticas à parte, o certo é que daquela fonte-parideira, chamada Felismina, brotava um filho a cada ano e meio com a particularidade de só ter gerado rapazes!

Com tanta gente a viver debaixo do mesmo tecto, seria de todo expectável pensar-se numa casa suficientemente grande para acolher toda a prole da família Urtigão, porém, a realidade estava muito longe de ser essa pois a “vivenda” não passava de uma espécie de barracão construído às três pancadas com apenas três divisões interiores. A porta de entrada do “palacete” não passava de uma enorme porteira em madeira e cheia de frinchas, havendo a seguir um amplo espaço em terra batida que servia ao mesmo tempo de “sala-de-estar” e de cozinha. O mobiliário daquele compartimento de entrada era de uma pobreza franciscana, pois não passava de meia dúzia de utensílios de qualidade duvidosa, a começar por uma sebosa mesa de madeira postada no centro do aposento sobre a qual jamais poisara uma toalha por mais reles que fosse. Nas laterais da mesa estavam postados dois bancos corridos e nos topos alguns mochos de madeira bem toscos onde os mais velhos tinham o *privilégio* de se sentar. Esta seria a “sala-de-estar” onde pontificava uma rústica lareira ao redor da qual se aconchegava a família Urtigão quando o grízio (frio) apertava mais a sério.

Tal como o restante pardieiro, a lareira era bastante simples e carente de uma indispensável chaminé, levando a que, sem esta necessária conduta, o fumo vagueasse a seu bel-prazer pelo aposento até se escapar por entre as frinchas de um telhado sem forro e a necessitar de permanente conserto pois as telhas de canudo, assentes directamente